



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA**  
**ESCOLA DE BELAS ARTES – EBA**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES TEATRAIS – BAT**  
**Graduação em Artes cênicas - Indumentária**

**RUTH DE SOUZA – TRANSGREDINDO BARREIRAS E ATRAVESSANDO O**  
**TEMPO**

**Thuanny Gomes Ribeiro Reis**  
**DRE: 115034332**  
**Orientador: Antônio Guedes**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO- TCC**  
**MEMORIAL DESCRITIVO**

**DATA DA DEFESA: 11/11/2020**  
**RIO DE JANEIRO, 2020**

## **RESUMO DO PROJETO**

No projeto escolhi trazer a Ruth de Souza como referência de artista negra brasileira e as adversidades que o racismo provocou em sua trajetória artística. A intenção é enroupar a carência que ela sofreu e, de certa forma, resgatar o seu protagonismo e criar de forma artística e poética outra perspectiva.

Palavras-chave: Ruth de Souza, Protagonismo, Racismo

Uma palavra escrita não pode nunca ser apagada. Por mais que o desenho tenha sido feito a lápis e que seja de boa qualidade a borracha, o papel vai sempre guardar o relevo das letras escritas. Não, senhor, ninguém pode apagar as palavras que eu escrevi.

Carolina Maria de Jesus<sup>1</sup>

## 1 MOTIVAÇÕES

Uma das minhas primeiras experiências profissionais foi criar figurinos de uma web série chamada *Tá Bom Pra Você ?*, em 2016. O projeto levantava a questão da ausência do negro nas publicidades e propagandas e propunha uma nova estrutura de criação das imagens publicitárias. A equipe desta web série se constituía majoritariamente de pessoas negras.

Nas gravações tive o prazer de presenciar uma entrevista realizada com as atrizes Ruth de Souza e Zezé Motta e uma das perguntas feitas na entrevista foi em relação ao número de comerciais para os quais elas já haviam sido convidadas em suas trajetórias profissionais. Por coincidência, as duas haviam realizado apenas dois comerciais: a Zezé em 50 anos de carreira e a Ruth em 70 anos. Quando ouvi os relatos, me senti no compromisso de falar sobre essas mulheres que lutaram para construir suas carreiras e muitas vezes não obtiveram reconhecimento.

Essa inquietação determinou a minha trajetória dentro do curso de Artes Cênicas / Indumentária. Percebi uma grande lacuna no espaço acadêmico no que dizia respeito a debates e pautas sobre raça, racismo e cultura afro-brasileira. Essa ausência, longe de me imobilizar, ao contrário, despertou o desejo de querer conhecer e buscar referências de pessoas pretas que construíram o legado do teatro negro brasileiro: Abdias do Nascimento, Léa Garcia, Milton Gonçalves, Solano Trindade, Ruth de Souza, Mercedes Batista, Haroldo Costa, Aguinaldo Camargo e muitos outros. Abordar essa pauta é uma forma de trazer à tona esse tema e não deixar no esquecimento a contribuição e importância que nós, pretas e pretos, tivemos na construção do fazer teatral e na arte brasileira.

A minha escolha ao trazer a artista Ruth de Souza como tema principal do meu projeto, surge a partir daquela primeira experiência profissional como figurinista. A presença e as histórias contadas por aquelas atrizes, que tinham um longo tempo de carreira, contrastavam com o silêncio sobre as dificuldades e sobre as vitórias que elas conquistaram na profissão. No mesmo ano da web série, 2016, Ruth recebeu como homenagem no Centro Cultural Banco do Brasil, do Rio de Janeiro, uma mostra de cinema – *Pérola Negra - Ruth de*

---

<sup>1</sup> <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/episodio/carolinamariadejesus>

*Souza* – que tinha como proposta principal a valorização de personalidades afro-brasileiras que marcaram a cultura e a história brasileira no século XX e no começo do século XXI. Na mostra, tive oportunidade de assistir filmes e documentários que ela participou e ficou nítida o uso de personagens carregados de estigmas racistas e a escassez de protagonismo em sua carreira.

## 2 RUTH DE SOUZA – A ESTRELA NEGRA

“Muitos riram de mim. Não acreditavam que eu fosse conseguir e faziam chacota, se divertiam às minhas custas. Mas isso não me incomodava, porque tinha uma certeza: eu ia ser artista.”(JESUS, 2012, p.27).

Ruth de Souza se interessou desde muito cedo pelos palcos e pelas telas. Nasce na zona norte do Rio de Janeiro, no bairro de Engenho de Dentro, e logo se muda com a família para morar em Porto Marinho, interior de Minas Gerais. Aos 9 anos, volta para o Rio após a morte de seu pai. Morando com sua mãe, Alaíde Pinto de Souza, descobriu suas grandes paixões: o cinema e o teatro. Sua mãe perseverava em oferecer para a menina Ruth uma formação cultural, que posteriormente viria a definir sua vida. Os ingressos que sua mãe ganhava das patroas, para quem lavava roupa, proporcionaram para Ruth a oportunidade de assistir peças, óperas e outros espetáculos do Teatro Municipal.

Ruth de Souza, sempre foi muito fascinada pelas produções de Hollywood. Porém, entendia que de fato, na realidade da época, em Hollywood existiam poucas atrizes e atores negros. O primeiro grande sucesso de uma mulher negra no cinema foi no filme... .. *E o vento levou*, em 1939, quando a atriz Hattie McDaniel interpretou a Mammy. A primeira atriz negra a ganhar o Oscar como melhor atriz coadjuvante, a primeira negra a ir a uma premiação como convidada e não como servente. Porém, para sua entrada na cerimônia, foi necessário que os organizadores do evento tivessem que pedir uma autorização especial para que McDaniel pudesse comparecer ao evento, pois o lugar não permitia a entrada de pessoas negras.

Assim, aqui no Brasil, Ruth de Souza também enfrentou grandes desafios para realização dos seus sonhos. Nos primeiros passos de sua carreira, no começo da década de 40, Ruth conhece o Teatro Experimental do Negro, aos 17 anos. O TEN se contrapunha à escassez de produções com a presença de negros em cena, procurando dimensionar, de forma profunda e complexa, da vida e da subjetividade do afro-brasileiro. O propósito de um teatro engajado e de autoconscientização, proporcionou que muitos que passaram por lá não deixassem de trazer as suas lutas, questões e reflexões em suas trajetórias.

Ruth desacreditava no começo, que atores e atrizes negras conseguiriam bons papéis no cinema e no teatro. Porém, desafiou as expectativas, abriu caminhos antes não explorados e mergulhou nas telas do cinema. Um dos seus primeiros trabalhos na Vera Cruz, produtora de audiovisual, foi no filme *Terra é Sempre Terra*, em 1951. O ator, autor e diretor, Abílio Pereira questionou que Ruth era magra para interpretar um papel de uma colona no filme. E

Ruth, sempre questionadora, perguntou: “Mas você já viu colona gorda? Você está me confundindo com a Mammy de ... *E o vento levou*” (JESUS, 2012, p. 31).

Os estereótipos sofridos por atrizes negras sempre foram muitos e com Ruth de Souza não foi diferente disso. O lugar predestinado para mulheres pretas em cena eram lugares carregados por olhar colonial, sendo assim, sempre estávamos em espaços de desumanização, servidão e de fetichismo.

Uma outra história com Abílio Pereira foi quando Ruth foi realizar *Candinho*, em 1954, quando trabalhou *Terra é sempre terra* em 1941, sua personagem se chamava Bastiana. Quando Ruth foi fazer a leitura do roteiro de *Candinho*, e a personagem se chamava Bastiana também, perguntou: “Abílio, por que o nome da personagem é Bastiana? Não tem outro nome? Já era Bastiana na *Terra é sempre terra*”. Ele contestou: “Toda negra se chama Sebastiana!” Ruth retrucou: “Toda negra não, eu me chamo Ruth!”. (JESUS, 2012, pág. 32). Ele cedeu e a autorizou trocar o nome da personagem.

### 3 REFLEXÕES E PONTOS DE VISTA

Acredito que a arte brasileira – audiovisual, teatro, artes plásticas – revela de muitas formas o racismo estrutural que vivemos no Brasil. Um dos pilares é a naturalização da ausência de pessoas negras em lugares de destaque e prestígio e esse fato não causar incômodo na sociedade. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE (Pnad), os dados apontam que mais da metade da população do Brasil é negra e a realidade é que não enxergamos em número expressivo e significativo corpos pretos quando olhamos para o teatro, audiovisual e artes plásticas. Entretanto, quando estamos presentes somos frequentemente secundarizados, estereotipados e raramente somos donos das nossas próprias histórias.

Na pesquisa eu abordo dois aspectos: o primeiro, sobre a invisibilidade, isto é, a ausência de protagonismos e secundarização das personagens; o segundo é sobre a desumanização das personagens, sendo assim, a falta de aprofundamento das histórias das personagens nas tramas.

Um exemplo de invisibilidade: no filme *Ângela* (1951), Ruth aparece em pouquíssimos momentos e todas são bem curiosas no sentido da forma como a personagem é apresentada nas cenas. A personagem chamada Divina, é uma empregada, fofoqueira, intrigueira e “conhecedora das magias”, no sentido pejorativo da sabedoria ancestral. A invisibilidade é configurada através reprodução da visão colonial na construção da personagem negra representada em um lugar de subalternidade, inferioridade e carregada de estigmas racistas.

O segundo aspecto, é sobre a desumanização, isto é, a forma rasa e superficial como a maioria das personagens negras representava nas tramas. Nitidamente existia uma falta de interesse dos diretores brancos em contextualizar as personagens no enredo, tratando como mero enfeite e objeto. Todas e todos nós nascemos de alguém, temos histórias para contar e experiências distintas. O anulamento da nossa subjetividade e particularidades é uma forma de auxiliar na construção de um imaginário falsificado no qual as pessoas negras estão sempre nas tramas para servir e Como um recurso narrativo no qual outras dimensões humanas poderiam ser mostradas. No relato do livro *Ruth de Souza - Estrela Negra*, de Maria Angela de Jesus, Ruth de Souza diz:

“[...]A personagem ‘existia’ dentro da história. O ruim é quando o personagem entra na trama só para enfeitar, coisa que acontece muito, na maioria das vezes, com atores negros. Entram na história sem pai nem mãe, sem passado. Não sabem de onde saíram” (Jesus, 2012, p. 114)

A maioria dos personagens que ela realizou carecia de uma história própria. Tinha, na narrativa, a função de reforçar apenas uma posição social subalterna. O escritor Joel Rufino sintetiza muito bem o lugar do corpo preto nesses espaços:

As telenovelas e as peças teatrais transcorrem num planeta branco, aqui e ali salpicados de pretos – o chofer, a cozinheira, o ‘policial’ –, realistas no sentido de que são essas de fato as profissões comuns dos negros reais, mas falsificadas no sentido em que eles não têm família, não têm relações com os seus semelhantes, não têm ideias nem sentimentos, salvos pelos padrões: são coisas, apêndices e não pessoas. (RUFINO, 2014, pg. 232)

Ruth tinha muitas peculiaridades na sua forma de realizar essas personagens carregadas de estigmas e procurava dar uma vida ‘real’ para os personagens que realizava, como relata:

Peguei muitos personagens assim. E para reverter isso, inventava um lugar de onde aquela pessoa tinha vindo. Inventava uma família, mãe e pai, mesmo não tendo no texto. Procurava dar uma vida àquela personagem. Era uma forma de fazê-la crescer e transformá-la em alguém dentro da trama. (JESUS, 2012, p. 114)

## 4 REFÊNCIAS

Uma grande referência para o meu trabalho é a artista Sônia Gomes, que possui como premissa o regaste de materiais “descartados” para criação de uma nova existência como objetos de arte. Sônia é artista mineira, negra e contemporânea, que busca dialogar nas suas produções artísticas com questões raciais, sociais e procura levantar o debate sobre reconhecimento de produções femininas. O trabalho de Sônia Gomes dialoga em muitas camadas com o meu projeto tanto de forma visual como nos discursos e questões que atravessaram o no processo de criação.

A representação visual muitas vezes delicada e poética que Sonia Gomes realiza com as complexidades carregadas dos seus trabalhos traduz muito dos meus objetivos com o projeto: resgatar a memória vivida e a resignificar a trajetória trazendo outro sentido para a história da Ruth. Nesse trecho podemos entender melhor a forma como ela utiliza o entrelaçamento da memória e dos matérias para suas produções:

Sonia faz arte para expressar que o instante vivido possa ser trazido novamente à vida. A artista explora o tempo buscando a espessura histórica que fica nas coisas, que as afeta enquanto materiais que mantiveram relações emocionais de outras pessoas e sua própria história. Ela constrói sua obra com o que é rejeitado, “com o que tem”, como diz ela, criando uma nova vida, uma nova permanência, a partir de memórias afetivas.” (LOPONTE, 2018)



## 5 PROJETO E PROCESSOS

No projeto escolhi trazer a Ruth de Souza como referência de artista negra brasileira e as adversidades que o racismo provocou em sua trajetória artística. A intenção é enroupar a carência que ela sofreu e, de certa forma, resgatar o seu protagonismo e criar de forma artística e poética outra perspectiva.

A ideia é criar uma instalação com “figurinos” para personagens que Ruth não chegou a representar, mas poderia ter representado. Não pretendo construir figurinos fieis a nenhuma época, mas sim roupas que poderiam ter sido usadas por Ruth. Como uma forma de resgatar a atriz de um lugar de apagamento e dar visibilidade numa obra que restitui sua importância e talento. Este trabalho pretende reverter o “não lugar” em que ela foi colocada transformando-o em um lugar no qual, imageticamente, Ruth se torne protagonista.

Como uma admiradora e consumidora de brechós, antiquários e feiras de antiguidades, sempre gostei de olhar os objetos e roupas totalmente distantes dos seus contextos anteriores. Acredito que esses lugares são grandes preservadores de histórias, memórias e também possibilidades de reinvenções. Penso em utilizar roupas que já existem e trazem em si memórias passadas e materializar uma outra possibilidade para a grandeza de Ruth.

O processo se iniciou com uma pesquisa e garimpo na feira de antiguidade de São Cristóvão, Rio de Janeiro. Encontrei muitas camisolas e achei interessante usá-las na instalação como forma de aludir ao lugar de “descanso” das patroas, em contraponto com os lugares servis e de extremo esforço que muitas das personagens de Ruth precisavam fazer. As outras peças estão entre: vestido de festa, camisa social e blusa de tule, dialogando com desejo do lugar “comum” das vestimentas como uma forma de humanizá-la. Em uma dessas compras e trocas com os vendedores, achei um vestido de festa branco e a vendedora disse que ela tinha usado em seu aniversário de 15 anos e ela já tinha 65 anos. Essa relação de trazer roupas que mantiveram relações emocionais com os corpos é o desejo que coisas continuem a existir em um outro espaço.

Dialogando com a instalação, decidi trazer uma projeção dos olhos de Ruth. Pois, particularmente, é algo que me emociona e me chama muita atenção nas fotografias e cenas que pude assistir da artista. Os olhos como forma de trazer a memória da potência que foi Ruth em cena. No livro *Ruth de Souza – A Estrela Negra*, da Maria Ângela de Jesus, a atriz fala da importância do olhar na cena: “A câmera pega muito o olhar, a expressão! O ator não

pode ficar na frente da câmera, com uma cara vazia, sem expressão... Sem pensar. O ator precisa pensar!” (JESUS, 2012, pg. 75)

Após o garimpo, feito em 3 semanas, iniciei a catalogação das peças e fui realizando testes para compreender a forma como elas dialogavam entre si (texturas, coloração, caimento). Nesse momento, pandêmico e de isolamento social, fiquei restrita a fazer a instalação nos cômodos da minha casa. Fui experimentando os espaços que poderiam receber a instalação e a projeção, algo que foi extremamente difícil por conta da distância necessária entre o projetor e a instalação. Escolhi nesse processo deixar as peças alfinetadas, pois fiz testes de bordados e a textura causou dificuldade de compreender o vídeo projetado.

## 6 CONCLUSÃO

O projeto nasce da minha necessidade de falar da importância de artistas negras, que assim como Ruth, vieram antes de mim e deixaram um grande legado. Diante de um país que negou a existência e desconsiderou a potência criadora e artística do corpo negro, Ruth de Souza foi uma das mulheres que atravessou muitas barreiras para construir sua carreira abrindo caminhos em terrenos antes inexplorados.

Me sinto extremamente realizada de ter pesquisado e ter tido a honra em falar sobre a rainha Ruth de Souza no meu processo de conclusão de curso. Acredito que ao iniciar a pesquisa pude aprender mais sobre a necessidade de pautar a contribuição das artistas negras para a o fazer teatral e artístico brasileiro.

Sobre o processo prático do trabalho, passei a grande parte do curso aprendendo as dimensões do corpo, da roupa e figurinos, nesse momento de conclusão busquei me desafiar e experimentar a roupa no espaço físico. E foi algo que me acrescentou muito como artista, entender que criar novos sentidos, significados e configurações para roupa, fora do corpo, é bem complexo. O espaço, de muitas formas, é corpo. É necessário medi-lo, entender suas dimensões e particularidades.

E como foi a minha primeira experiência com instalação e projeção, acredito que não obtive o êxito que eu esperava, pois para a o desempenho do projeto era necessário entender o espaço físico, a forma como a instalação se relacionaria com espaço, a relação entre as peças de roupas e a forma da exibição da projeção na instalação. Existiam essas questões muito delicadas e que faziam total diferença no resultado final do projeto. Dentre todas, o meu maior desafio foi entender qual espaço eu realizaria, pois eu só tinha disponível a minha casa. Sendo assim, segui experimentando cômodos diferentes e isso foi causando uma certa fragilidade na instalação como um todo, por que em todos os espaços que eu explorei a instalação se mostrava de forma diferente. Uma outra questão forte foi o fato de eu ter me encantado pela projeção dos olhos de Ruth na instalação. Busquei diversas formas de diálogo entre a instalação e a projeção, mas os problemas na realização foram determinantes.

O projeto provocou em mim um desejo de me aprofundar nos diálogos entre espaço, roupa e memória. Entendo que diante das adversidades do momento em que vivemos – pandemia e isolamento social – foi de certa forma extremamente limitador na realização do projeto. Então, insatisfeita com o resultado final, seguirei na pesquisa sobre a importância de

Ruth de Souza e sobre o trabalho artístico da Sônia Gomes, pois acredito que as duas despertaram novos caminhos para minha trajetória pessoal, artista e pesquisadora.

Assim, prefiro considerar este trabalho final do TCC muito mais um *work in progress* do que propriamente um trabalho acabado. O vídeo que apresento é mais uma promessa de aprofundamento de um trabalho no qual, cada vez mais, me vejo imersa do que uma ideia finalizada.

## 7 PROCESSOS PRÁTICOS E RESULTADOS





ETAPA 3:  
TESTES DE  
COMPOSIÇÃO



ETAPA 3:  
TESTES DE  
COMPOSIÇÃO



ETAPA 3:  
TESTES DE  
COMPOSIÇÃO



ETAPA 4:  
TESTE DE  
PROJEÇÃO +  
COMPOSIÇÃO



**" A câmera pega muito o olhar, a expressão! O ator não pode ficar na frente da câmera, com uma cara vazia, sem expressão... Sem pensar. O ator precisa pensar! "**  
( JESUS, 2012, pg.75)







Vídeo apresentado na banca (disponível no *Youtube*):

<https://youtu.be/pzNIL7gzlc4>

## BIBLIOGRAFIA

### Livros

JESUS, M. A. *Ruth de Souza – estrela negra*. São Paulo: Imprensa oficial, 2012

RUFINO, Joel. *A história do negro no teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Novas direções, 2014.

### Site

LOPONTE, Luciana Gruppelli. As mãos de ouro de Sonia Gomes: costura e memória. *Arte Versa*, 2018. Disponível em: <  
[https://www.ufrgs.br/artevera/?p=1471#:~:text=Artista%20natural%20de%20Caetan%C3%B3polis%20\(MG,pessoas%20e%20sua%20pr%C3%B3pria%20hist%C3%B3ria](https://www.ufrgs.br/artevera/?p=1471#:~:text=Artista%20natural%20de%20Caetan%C3%B3polis%20(MG,pessoas%20e%20sua%20pr%C3%B3pria%20hist%C3%B3ria). Acesso em:  
Acesso em 10 de Setembro de 2020.